

Cátedra Olavo Setubal

de Arte, Cultura e Ciência

PERFIL DE INSTITUIÇÃO CULTURAL:
CASA DO POVO

DIEGO DE KERCHOVE

PERFIL DE INSTITUIÇÃO CULTURAL: CASA DO POVO

DIEGO DE KERCHOVE¹

¹ Graduado em comunicação social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), é mestre em ciências da comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), além de ter pós-graduação lato sensu em roteiros de ficção audiovisual pelo Senac e especialização em cultura, institucionalidade e gestão pelo Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP). Atuou no mercado editorial como tradutor e como intérprete (francês-português) na produção cinematográfica *Amazônia*. Atualmente é o coordenador-executivo da associação cultural Fórum Permanente, assim como o gestor de informação na plataforma digital da associação.

O Instituto Cultural Israelita Brasileiro (Icib), mais conhecido como Casa do Povo, é uma associação cultural sem fins lucrativos situada na Rua Três Rios, no Bom Retiro, na cidade de São Paulo. Foi erguido pela comunidade judaica do bairro entre 1946 e 1953, como monumento vivo em memória das vítimas do Holocausto e respondendo ao chamado feito em 1937 pela Yidisher Kultur Farband (YKUF), organização cultural ídiche no congresso de Paris que tinha como missão consolidar uma frente judaica progressista ante o avanço da extrema direita na Europa e que clamava, para isso, a abertura de espaços culturais onde quer que houvesse uma comunidade judaica. Em cidades como Paris, Madri, Nova York, Buenos Aires e Rio de Janeiro, abriram-se jornais, escolas e teatros, entre outras associações culturais e políticas, no coração de comunidades judaicas de vertentes progressistas. Em São Paulo, criou-se o grupo Yugend Club, o jornal *Nossa Voz*, uma biblioteca, um grupo de teatro, o Coral Sheiffer e a escola Scholem Aleichem. Além da orientação política antifascista e autoritária, essas ações e organizações tinham e têm como propósito preservar a cultura e a língua ídiche.

Em 1946, o empresário Manoel Casoy, cumprindo sua promessa de doar 500 mil cruzeiros assim que as tropas soviéticas tomassem Berlim, comprou o terreno e pousou a pedra fundamental do que viria a ser a Casa do Povo, fundando assim o Icib, em uma cerimônia acompanhada por milhares de habitantes do bairro e em memória das vítimas do Holocausto. A partir dali, iniciou-se uma campanha de arrecadação entre os membros da comunidade que culminou na inauguração do prédio em 1953, a partir do projeto dos arquitetos Mange, Martins e Engels.

A função do prédio era (e ainda é) abrigar as diversas associações judaicas culturais laicas que se espalharam pelo bairro. Uma delas foi a escola Scholem Aleichem, fundada em 1949 e que, a princípio, tomava apenas o andar térreo, por ser uma pré-escola, mas foi crescendo e ganhando cada vez mais espaço dentro do edifício à medida que oferecia uma escolaridade mais avançada, indo até o ginásio. A escola se notabilizou por sua pedagogia não convencional e aberta a todos, judeus ou não. O currículo possuía como um de seus pilares história e cultura, pois tinha como objetivo a

formação de alunos críticos e pensantes. Como mencionado, a escola era aberta a todos e se notabilizou durante a ditadura por abrigar e educar filhos de perseguidos políticos, tornando-se ela também alvo da repressão.

O claro posicionamento político da Casa do Povo e de muitos que a frequentavam trouxe momentos de tensão com a comunidade judaica paulista e, em um grau mais grave, com o governo do regime militar. Um desses pontos de divergência, dentro do seio da comunidade, foi a maneira de se lembrar o Holocausto. Enquanto o movimento sionista se reforçava e alcançava seus objetivos em 1948, com a criação do estado de Israel, e definia o hebreu moderno como língua oficial, o Icib e outras muitas comunidades progressistas preferiam comemorar o levante do gueto de Varsóvia de 1943 e preservar a cultura ídiche. Isso se aprofundou à medida que Israel se tornava um aliado cada vez mais importante para os Estados Unidos. Em 1956, a revelação, no XX Congresso do Partido Comunista, dos crimes de Stalin, inclusive contra os judeus, causou divisões no Icib, marcando uma de suas primeiras crises institucionais. Finalmente, a ascensão ao poder dos militares no Brasil trouxe um dos momentos mais difíceis para a Casa do Povo. O viés abertamente de esquerda tornou-a um alvo da repressão, que se traduziu no aprisionamento de funcionários e de colaboradores (inclusive da escola Scholem Aleichem), além de espionagem e forte pressão social contra a instituição.

Apesar da repressão do regime militar e das crises internas, as instituições abrigadas pela Casa do Povo resistiram e fizeram oposição ativa ao cerceamento das liberdades individuais protagonizado pelo governo, como o Teatro de Arte Israelita Brasileiro (Taib). Construído em 1960, no subsolo da Casa do Povo, pelo arquiteto Jorge Wilhelm, o teatro contava com mais de 500 lugares e se notabilizou como um dos poucos espaços abertos para peças, shows e artistas que se opunham ao regime. Por seu palco passaram figuras como Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gilberto Gil. Entre as peças e os shows apresentados no teatro estão *Safári* (1976), de Antônio Pedro e Chico Buarque, interrompida pela censura; *Murro em Ponta de Faca* (1978), de Augusto Boal; e *O Dibuk* (1964), de Sch. An-Ski.

A Casa do Povo abrigava também os editores do jornal *Nossa Voz*, lançado em 1947 e escrito em ídiche e português. Além de trazer notícias sobre a comunidade e sobre o bairro, o periódico se posicionava politicamente apoiando candidaturas de membros da Casa do Povo, como Elisa Kaufmann Abramovich, primeira diretora da escola Scholem Aleichem e eleita vereadora pelo Partido Comunista, mas sem nunca tomar posse, por proibição do partido. O jornal foi fechado em 1964 pela ditadura militar e seu editor-chefe, Hersch Schechter, entre outros colaboradores, foi obrigado a se exilar.

Mantendo-se fiel à sua proposta de monumento vivo de cultura e resistência contra a opressão, a Casa do Povo atravessou os piores anos da ditadura, muitas vezes isolada em sua luta. Firmou-se como um oásis de liberdade pedagógica, artística e política em um dos momentos mais sombrios da história brasileira.

No entanto, em 1980 e apesar de resistir politicamente, a instituição começou a passar por crises institucionais e econômicas. O generoso número de bolsas concedidas para alunos da Scholem Aleichem comprometeu as finanças da escola. Somam-se a isso fatores como a degradação do Bom

Retiro e da região central da capital paulista e o deslocamento da população judaica para outros bairros, o que levou ao esvaziamento do apoio local à escola. Essas condições forçaram o encerramento das atividades pedagógicas em 1981, mesmo tendo sido um dos melhores colégios de São Paulo nas décadas anteriores.

O Taib também sofreu com a degradação do bairro e, como muitos teatros de rua, teve de fechar as portas em 2004. Atualmente, encontra-se em estado de ruína. Foi tomado pela umidade, pelas águas vindas dos rios que passam sob a rua (daí o nome de Três Rios) e pela natural degradação do tempo, mas ainda é possível vislumbrar sua grandeza.

Apesar das dificuldades e do fechamento gradual de suas maiores entidades – a escola, o jornal e o teatro –, a Casa do Povo nunca fechou suas portas completamente. Ali, mantiveram-se o Coral Tradição (desde 1989 regido por Hugueta Sendacz, com cantos exclusivamente em ídiche), o arquivo e a biblioteca, que continuaram a funcionar como um dos maiores acervos de livros e documentos ídiche de São Paulo.

Em 2006, a Casa do Povo entrou em uma fase de renovação e retomada de suas atividades para reconquistar seu lugar de vanguarda, experimentação e liberdade artística. Nesse ano, um grupo de ex-alunos, professores e diretores da Scholem Aleichem organizou o seminário Vanguarda Pedagógica, convidando membros da comunidade que se formaram em torno tanto da escola quanto da Casa do Povo para resgatarem e apresentarem suas experiências com o lugar e suas ideias. Em sintonia com a tradição de memória da instituição, os seminários foram levados para o papel e, em 2008, foi lançado o livro *Vanguarda Pedagógica*, que retrata toda a história da escola e transcreve todos os seminários apresentados dois anos antes.

Resgatando a sua particularidade de abrigar diversas associações culturais em seu seio, a Casa do Povo se abre para coletivos artísticos que buscam apoio e espaço para seus projetos. Entre eles, destacam-se o coletivo de dança Lote, que ocupa a casa desde 2013; o já mencionado Coral Tradição; o Ateliê Vivo, coordenado pelo grupo G>E (Grupo Maior que Eu), focado em processos criativos e em propostas estéticas; a editora independente Edições Aurora, centrada em publicações experimentais e na escrita sobre arte e política; e o coletivo Ocupeacidade, que trabalha com intervenções urbanas e experimentação gráfica.

A instituição se abre também para todo projeto que tenha em sua proposta a experimentação e foco nos processos de criação.

A casa ainda oferece cursos regulares de dança e de teatro, assim como grupos de estudos do idioma ídiche e o Programa de Ações Culturais Autônomas (P.A.C.A.), voltado para atividades críticas de arte e cultura, com seminários, produções textuais e formação de grupos de estudos abertos ao público.

Ainda nesse momento de revigoramento artístico e crítico da Casa do Povo, o Taib, mesmo em condições precárias, voltou a ser ocupado em 2012 pelo grupo Teatro da Vertigem, com a peça *Bom Retiro 958 Metros*. Itinerante, o espetáculo ocupou várias ruas do bairro, além do Shopping Lombroso e do teatro, mantendo-se em cartaz até 2013.

Em 2014, o jornal *Nossa Voz*, fechado pela ditadura, voltou a ser publicado. A nova edição, inteiramente em português, mantém a linha crítica que caracterizou a publicação no século XX e se abre para outras comunidades que agora também ocupam o bairro do Bom Retiro, notadamente a coreana e a boliviana.

Apesar desse revigoramento, o prédio da Casa do Povo continua em um estado relativamente precário. Para combater essa situação, em 2015 foi lançada uma campanha em uma plataforma de financiamento coletivo para realizar reparos no teto e prevenir goteiras que prejudicam tanto a estrutura do prédio quanto o trabalho dos coletivos. A campanha foi um sucesso – o primeiro passo para revitalizar todo o edifício, inclusive o Taib. No entanto, o valor para uma reforma completa está na dezena de milhões de reais e, portanto, será realizada de forma gradual. Vale notar que o financiamento coletivo foi um dos alicerces da Casa do Povo desde sua criação. Construída com donativos feitos por toda a comunidade, a instituição cultural sempre expressou a vontade coletiva de resistir à opressão e propor, por meio da arte e da cultura, novos caminhos para o futuro.

Ao longo dos seus mais de 60 anos de existência, a Casa do Povo nunca deixou de ser o que se propôs: um lugar para recordar e imortalizar os que morreram e resistiram ao Holocausto, não por um monumento monolítico e engessado, mas por ações e manifestações artísticas que sempre pautaram a luta e a resistência contra regimes opressores e injustiças. Combatendo assim cotidianamente as ideias que encaminharam a humanidade, como um todo, para os seus piores momentos. O prédio da Casa do Povo sofreu os desgastes que o tempo e as intempéries sempre impõem às estruturas de concreto; mas, por dentro, graças às atividades dos antigos e dos novos ocupantes, ela nunca deixou de pulsar e de viver para recordar e acreditar em um futuro melhor.

Referências Bibliográficas

CASA DO POVO. Quem somos. Disponível em: <<http://casadopovo.org.br/sobre/quem-somos>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

CASA DO POVO. Monumento vivo. Disponível em: <<http://casadopovo.org.br/sobre>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

CASA DO POVO. Grupos e cursos. Disponível em: <<http://casadopovo.org.br/grupos cursos>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

CASA DO POVO. Nossa voz. Disponível em: <<http://casadopovo.org.br/nossavoz>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

CASA DO POVO. Projeto de financiamento coletivo Catarse. Disponível em: <<https://www.catarse.me/casadopovo>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

FOLHA ILUSTRADA. Abandono não impediu ocupação do TAIB. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/05/1274708-abandono-nao-impediu-ocupacao-do-taib.shtml>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

INSTITUTO CULTURAL ISRAELITA BRASILEIRO. Livreto, ano 1, n. 1, 1946.

LORENZI, M. (Ed.); AYERBE J. (Ed.). Assim elas comemoram a vitória. Série Histórias. São Paulo: Casa do Povo e Edições Aurora, 2017.

MENEZES, M. Rumo ao futuro. São Paulo: *O Estado de S. Paulo*, 21 out. 2012. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/rumo-ao-futuro-imp-,948719>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

NOSSA VOZ, jornal n. 1.017, mar. a set. 2016. São Paulo.

RONCOLATO, L. Projeto pretende reerguer a Casa do Povo, no Bom Retiro. *Veja São Paulo*, 5 dez. 2016. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/casa-do-povo-bom-retiro/>>. Acesso em : 5 dez. 2017.

SEROUSSI, B. O lugar das utopias. In: *Assim elas comemoram a vitória. Série Histórias*. São Paulo: Casa do Povo e Edições Aurora, 2017.

Cátedra Olavo Setubal **de Arte, Cultura e Ciência**

Parceira



Realização

